

Coronella austriaca (Laurenti, 1768)
Cobra-lisa-europeia

Culebra lisa europea, Smooth Snake

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

No Paleártico ocidental há duas espécies do género *Coronella* - *C. girondica* e *C. austriaca*. Vulgarmente conhecida por Cobra-lisa-europeia, *Coronella austriaca* pertence à família Colubridae, sub-família Colubrinae. O restritivo específico de *Coronella austriaca* deriva do facto da primeira descrição desta serpente ter sido feita com exemplares austríacos da região de Viena. Em 1789, Lacépède substituiu este nome por *Coluber levis*. Posteriormente, Fatio, em 1872, propôs a reutilização da designação de espécie e género publicada por Laurenti, que é utilizada até hoje. Actualmente estão descritas três subespécies para *C. austriaca*: a forma nominal, *C. a. austriaca*, *C. a. fitzingeri* Bonaparte, 1840, existente no Sul de Itália e na Sicília, e *C. a. acutirostris* Malkmus, 1995, presente no Noroeste da Península Ibérica (*terra typica*: Lagoa Comprida, na Serra da Estrela, a 1575 m de altitude). As subespécies *C. a. fitzingeri* e *C. a. acutirostris* foram descritas com base em características morfológicas. A subespécie do Noroeste Ibérico distingue-se da forma nominal por ter “um menor tamanho corporal, cabeça mais estreita e forma do focinho que é mais proeminente e pontiagudo. A placa rostral penetra profundamente entre as internasais e possui um maior número de escamas na cabeça e pescoço” (Malkmus, 1995e). Um estudo recente baseado na análise da variabilidade de DNA mitocondrial suporta a existência *C. a. acutirostris* (Santos et al., 2008). No entanto, a validade da subespécie *C. a. fitzingeri* tem sido repetidamente posta em causa (Kramer et al., 1982; Engelmann, 1993; Malkmus, 1995e), pelo que deveria ser investigada utilizando marcadores moleculares e incluindo amostras de toda a vasta área de distribuição de *C. austriaca*.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

A cobra-lisa-europeia distribui-se pela maior parte da Europa. O seu limite oriental localiza-se na Sibéria Ocidental (60° leste em Tobol'skiy e nos Montes Urais orientais) e no Nordeste do Irão. O limite norte estende-se desde a Inglaterra, o Sul da Península Escandinava (as ilhas Aland são o limite norte conhecido, a 60°N de latitude) até à Letónia e Rússia (Volga, Kasan, Kama e Perm). O limite sul prolonga-se do mar Cáspio pela costa norte da Ásia

Menor, e na Europa corresponde ao Mediterrâneo, embora a espécie não ocorra na Sardenha, Córsega, ilhas Baleares e na maior parte do sul da Península Ibérica (Engelmann, 1993; Malkmus, 1995e; Gasc et al., 1997; e Völkl & Käsiewieter, 2003). No Cáucaso atinge os 3000 m, que é o máximo conhecido para a sua distribuição altitudinal (Tertyshnikow, 1977). Na Península Ibérica, *C. austriaca* distribui-se de forma contínua na região Eurosiberiana e no Sistema Central Ibérico (Serras da Gata, Peña de Francia, Béjar, Gredos, Guadarrama e Ayllón). A sul do limite supramediterrânico, a sua distribuição torna-se descontínua e ocorre em isolados populacionais de montanha separados por grandes distâncias. Os isolados mais meridionais localizam-se nas Serras de Alcaraz, Aljibe, Cazorla, Nevada e, provavelmente, Ronda (Salvador, 1998d; Donaire et al., 2001; Galán, 2002d). As observações realizadas a maior altitude na Península Ibérica localizam-se nos Pirinéus (2400 m), Serra de Gredos (2500 m) e Serra Nevada (2700 m) (Galán, 2002d). Enquanto na Europa Central *Coronella austriaca* é considerada uma espécie xerotermófila que prefere encostas quentes, semi-abertas e expostas ao sol, na Península Ibérica, especialmente a sul da zona eurosiberiana, ocorre em habitats preferencialmente húmidos, frescos, com vegetação densa e precipitação mais elevada, como as regiões montanhosas (Galán, 1988, 2002d; Malkmus, 1995a; Salvador, 1998d). Estes isolados de montanha são provavelmente refúgios pós-glaciares resultantes do aquecimento do clima a partir de uma distribuição anterior contínua de maiores dimensões.

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

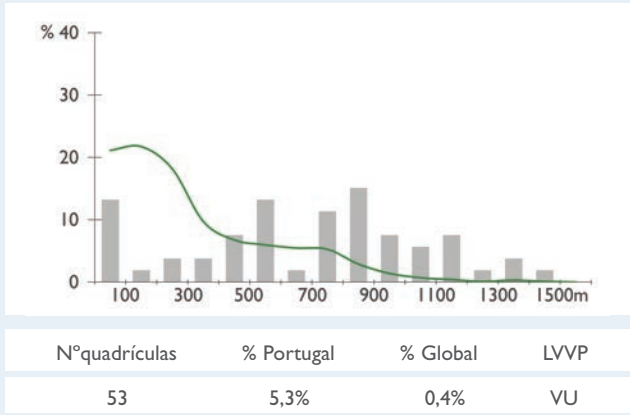
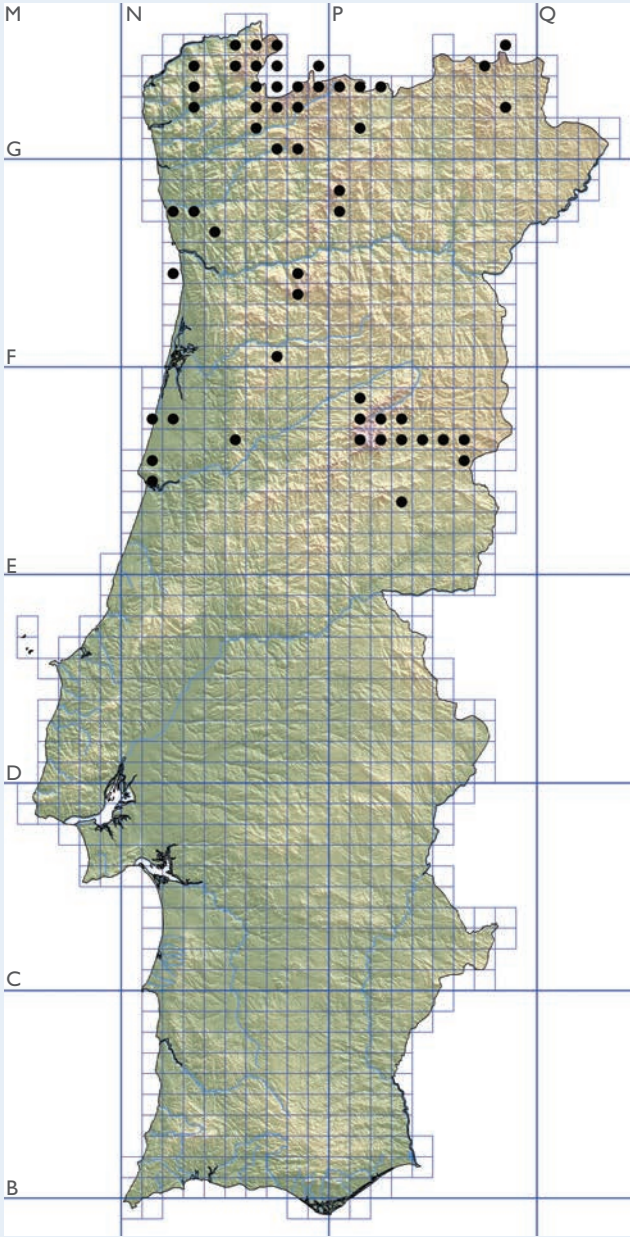
Em Portugal esta espécie atinge o limite sudoeste da sua distribuição global. Como ocorre em condições ecológicas sub-óptimas, a sua distribuição encontra-se fragmentada em isolados populacionais localizados em áreas onde ainda existem condições para a sua presença. Por esta razão ocorre, preferencialmente, em áreas costeiras de influência atlântica, entre a Figueira da Foz e Mira, na Granja (Carretero et al., 2002b) e, a norte do rio Douro, em Vairão (Vila do Conde). Nesta região habita os pinhais e as dunas cobertas por vegetação arbustiva e parcelas agrícolas de

regadio. Encontra-se também em várias serras a norte do rio Tejo, em sub-populações fragmentadas mas aparentemente não isoladas: o maior número de observações foi feito no Parque Nacional da Peneda-Gerês ocorrendo, ainda, nas Serras do Larouco, Alvão, Cabreira, Montemuro, Estrela, Cornélio e Malcata. Os registos mais meridionais localizam-se na Serra da Gardunha (Godinho et al., 1999). As referências para as Serras do Buçaco (Crespo, 1972a) e Montesinho (Crespo & Oliveira, 1989) requerem confirmação por serem observações pontuais e antigas. A distribuição altitudinal em Portugal vai desde o nível do mar até aos 1875 m, no Covão do Boi, Serra da Estrela. Todas as observações foram registadas em áreas com precipitação anual superior a 900 mm. A sul do rio Tejo foi apenas referida para “o Algarve” (Vieira, 1887), provavelmente na Serra de Monchique. Esta referência nunca foi confirmada, e deve-se provavelmente a um erro de identificação (confundida com *C. girondica*), pelo que se considera inválida (Malkmus, 1995a). No Parque Nacional da Peneda-Gerês encontra-se em carvalhais, em linhas de água e áreas rochosas, assim como em matagais (Malkmus, 1986, 2004e; Soares, 2005). Nas Serras da Malcata e Cornélio encontra-se em pinhais abertos e maquis, nas Serras da Estrela e Montemuro em zonas planálticas rochosas com matagais esparsos (Hopkins, 1974; Malkmus, 1985c).

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

A cobra-lisa-europeia é pouco ameaçada porque os habitats onde ocorre estão localizados, sobretudo, em zonas pouco afectadas pelas medidas de intensificação agrícola e florestal, e têm uma rede viária pouco densa e com tráfego reduzido. No entanto, desconhece-se o impacto dos fogos florestais na espécie. A distribuição fragmentada de sub-populações provavelmente isoladas e pouco densas exige regulamentação e controlo da pressão humana (e.g. pressão turística na zona central da Serra do Gerês) especialmente em zonas muito urbanizadas, a fim de garantir a persistência da espécie. Foi considerada “Vulnerável” (Cabral et al., 2005) pelo facto de apresentar uma distribuição altamente fragmentada e, simultaneamente, um declínio continuado da extensão de ocorrência, área de ocupação e qualidade dos habitats. A especialização trófica em pequenos lacertídeos pode torná-la sensível à redução das populações de presas.

Rudolf Malkmus



Serra da Estrela PhG



Serra do Gerês AL



Serra do Gerês CC